

REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL DA INSPETORIA GERAL DA INSTRUÇÃO



S U M A R I O

DA REDAÇÃO:		DAQUI E DALI:	
No limiar do ano letivo	pag. 1	Como se ensina a instrução moral e cívica	
O momento educacional em Minas	pag. 3	—Pelo professor Adherbal Mendonça D'Alvarenga.	pag. 24
COLABORAÇÃO		Sociedade dos Amigos das Árvores	pag. 27
A Fada—Aymoré Dutra,	pag. 10	NOSSA EXPERIENCIA:	
NOTAS E COMENTARIOS:		Relatorios	pag. 31
Ganhar tempo—José Americo da Costa,	pag. 18	NOTICIARIO:	
TRADUÇÕES:		V Conferencia Nacional de Educação	pag. 43
A educação das crianças retardadas—Alice Descoedres	pag. 20		

NO LIMIAR DO ANO LETIVO

Na véspera do início das aulas, refeito já das fadigas e dos trabalhos do ano passado, o professor deverá ir arquitetando o seu plano de atividades, como convém aos bons soldados antes da luta.

E dentro desse plano devemos colocar, como ponto de referência, o espírito que deverá animar os nossos trabalhos, para que consigamos atingir o ideal, que é, em suma, obter da escola os melhores resultados em prol da formação moral de nossos alunos.

A vida política, social e econômica do mundo está envolvida por numerosos e complexos problemas, e o homem atual esforça-se por bem compreendê-los, e melhor resolvê-los.

Mas, evidentemente, esse esforço terá de ampliar-se, abrangendo as gerações de amanhã, cujo destino depende da excelência e da perfeição de nossas escolas. A tarefa do professor é nesse, como em outros sentidos, de excepcional importância, cabendo-lhe arregimentar as energias das crianças, no presente, para uma repercussão global no futuro.

*

O espirito que deve iluminar as nossas escolas e presidir aos trabalhos escolares ha de ser o de uma atualidade de problemas, de maneira que as crianças vivam já e sintam imediatamente a sua responsabilidade. O exame da vida, dentro da vida; a solução dos problemas privativos das crianças, dentro de seu ambiente proprio; a disciplina como consequencia do trabalho, e o trabalho como imperiosa solicitação interior, devem ser o programa das escolas mineiras no proximo ano letivo de 1933.

*

Porque buscar motivos e estímulos longínquos para animar a escola? Porque induzir as crianças a viver uma vida utópica e ideal, quando aqui mesmo, na propria sala de aula, tem o mestre tanto material e tanta vida?

*

Consideremos bem na grande tarefa. Trace-mos planos simples e deixemos as complexidades para o seu tempo proprio. Por enquanto sejamos, apenas bons professores.

O MOMENTO EDUCACIONAL EM MINAS

(Discurso ás diplomandas da Escola Normal Oficial de Belo-Horizonte.

PE. ALVARO NEGROMONTE

"Há uma relação estreita e funda entre as doutrinas pedagógicas e as filosofias da vida. Toda concepção da vida tem uma doutrina da educação. Educa-se como se pensa. Comparando-se a historia da pedagogia com a da filosofia, encontra-se, invariavelmente, á frente das novas concepções pedagógicas os mesmos homens que encabeçaram novas escolas filosóficas.

A filosofia dá o conceito de vida; a pedagogia dá o ideal da educação. Tanto mais erroneo e incompleto aquele, tanto mais falho este. Tanto mais completo aquele, tanto mais perfeito este.

Esta questão do ideal, em coisas de educação, é essencial. Mas o ideal da educação corresponde ao ideal da vida. Portanto, só uma concepção completa da vida pôde fornecer um perfeito ideal educativo. Ora, esta filosofia da vida só quem a tem perfeita é a Igreja Católica; logo, só a Igreja Católica tem um ideal perfeito de educação.

A educação visa a formação do homem perfeito. Ninguem duvida disto.

Mas, o que pensam, por aí, do homem?

Uns o reduzem a mero produto da natureza; outros esquecem-lhe os direitos individuais e os sacrificam á sociedade; estes vêem no individuo o cidadão, o filho da nação; aqueles hipertrofiam o individuo com desastroso egoismo; Descartes só lhe vê o intellecto; Schopenhauer, a vontade; Kerchensteiner, a atividade.

Ressalta, á primeira vista, o aspecto unilateral destas concepções. São estreitas, acanhadas, incompletas. Quem olha para um homem e nele vê *sómente* uma faculdade não pôde educá-lo todo. E' preciso enxergar um *todo*, integral, completo, para poder oferecer-lhe as diretrizes e os meios de uma formação também integral e completa. Só o Christianismo é capaz disso, pela concepção totalista que tem do homem e da vida.

Para nós o homem não é só a natureza, como para Spencer; ou a inteligência, como quer Descartes; ou a vontade, como pensou Schopenhauer. Para nós o homem não é apenas o lutador de Darwin, o libidinoso de Freud, o cidadão de Fichte, o técnico de Spengler. Para nós nem o indivíduo vive desligado da sociedade, nem a sociedade absorve o indivíduo. Para nós, o homem é todo o homem. É um composto de corpo e alma, matéria e espírito, perecível e imortal, natural e sobrenatural. Tem toda uma organização animal, cujas funções vegetativas e sensitivas exigem manutenção e evolução. Mas não é só animal, porque a alma é espírito, e nela está a inteligência, que conhece a verdade, e a vontade, que quer o bem. E tudo isto está no homem tão ligado que a vida sensitiva, a intelectual e a volitiva se distinguem, mas não se separam, antes se entrelaçam e se completam em maravilhosa unidade. Mas o homem não está isolado no mundo. Ha outros homens. Reconhece neles os mesmos direitos e deveres que sente em si. Eles todos formam uma sociedade: o homem é um ser social. Mas a primeira sociedade é a família, a que se sente mais de perto ligado. Ha uma teia de laços que o prendem aos outros homens, á família, á sociedade. Sente um natural amor á terra em que nasceu, mas ama também a todos os homens de qualquer parte da terra — porque a idéa de patria não lhe extingue o sentimento de verdadeira fraternidade universal.

É peregrino na terra. É um eterno insatisfeito das coisas limitadas. Olha, para além das fronteiras da terra, uma outra patria onde ha de viver esta vida eterna e esta felicidade perfeita de que sente o desejo e o tormento.

Sabe que não está no mundo espontanea e necessariamente. Foi creado por Deus, inocente e puro, mas caiu. Quando a mão divina o ergueu, já não era o mesmo. A queda o inclinára para o mal, turvando-lhe a inteligência e enfraquecendo a vontade. Mas, apoiado na graça de Deus, ainda é capaz da caminhada eterna, que elle experimenta a necessidade de fazer com imperiosidade tal que só descansa quando em Deus descança. Porque Deus é o seu primeiro principio e ultimo fim.

Ninguém, ninguém tem, fóra da Igreja, uma tal concepção do homem, assim completa, assim perfeita, com esta grandeza, com este universalismo. Ninguém lhe abrange desta maneira todo o ser, na multiplicidade de suas funções, no desenvolvimento de suas atividades, na complexidade de sua vida. É o homem *todo*: corpo e alma, sentimento, inteligência e vontade; vida individual e social; vida interior e adex-

tra; vida terrena e eterna. E é este o carater proprio da nossa Religião: o Catholicismo, que quer dizer: o universalismo, a integralidade. Tinha toda razão o grande Scipel quando dizia que "o que é unilateral não pôde ser catolico".

Eis aí porque ninguém, como a Igreja, está em tão boas condições de realizar a educação do homem — porque ninguém possui tão completa filosofia da vida, e ninguém, portanto, pôde desdobrar aos olhos da criança panorama tão vasto e bello e rico de atrativos.

Mais ainda: a igreja propõe ao homem o mais perfeito ideal.

O ideal é o fim que se tem em mira. Esse fim, nas ciencias praticas, vale o que valem os principios nas especulativas. Quando o homem age deve saber para que; do contrario a atividade é simples agitação sem objectivos. "Uma pedagogia sem ideal é um navio sem bussola", escreveu um dos nossos mais agudos conhecedores do assunto. (Leonel Franca, Ens. rel. e ens. leigo — pag. 9) "No ideal educativo, diz um notavel pedagogo moderno, está a alma de toda a doutrina pedagogica". (De Hovre. Essai de Phil. Ped. XVIII). E Spalding, o grande educador catolico norte-americano, afirma que analisar e explicar este ideal é mais importante que os milhares de problemas que preocupam os pedagogos teóricos", (cit. por De Hovre, o. c. XIX).

Ora, as modernas pedagogias se têm caracterizado precisamente pela falta de ideal. Si me achardes suspeito para a afirmação, acreditai em Encken, que escreveu: "O dominio da educação e da instrução sofre de modo particular por falta de uma direção capital da vida. Nós não possuímos uma filosofia da educação, um ideal pedagogico.

... Pretendemos melhorar a educação, sem estarmos antes de acôrdo sobre o seu fim, sua possibilidade e suas condições" (cit. por L. Franca, o. c. 9).

Tinha razão o Chesterton de dizer com ironia que "o homem moderno perdeu o endereço"... Marcha sem saber para onde. Trabalha, mais: agita-se, sem saber para que. Mas porque sente ainda — e sentirá sempre — o desejo de perfeição, vai voltando com pressa para o seio do Catholicismo, certo de encontrar a Verdade e o Bem por que tanto ansia. E os que, inexplicavelmente, ainda estão fóra, invejam os que estão dentro.

Quando o Padre Schoteler foi frequentar o curso de pedagogia da Universidade de Berlim, Spranger perguntou-lhe: "Padre, que viestes fazer aqui? aprender pedagogia? mas nós não sabemos vos ensinar cousa alguma. Vós catoli-

cos pondez Deus na base de toda a educação. Nós, porém, estamos sempre á procura de uma base e cada um começa onde o seu antecessor começou.”

E foi isto que produziu *este seculo de obscuridade pedagogica*, a que se refere S. Haal. Para fugirmos a essa Babel, andarmos com passo firme e seguro, (darmos sentido á vida, traçarmos normas á atividade), precisamos de um ideal nítido, preciso e universal que as modernas doutrinas pedagogicas nos negam, mas a Igreja nos dá.

Tudo o que existe, existe em vista de um fim. O homem tem uma finalidade — motivo primeiro e ultimo de sua existencia. A consecução deste fim — eis a preocupação da sua vida, o seu ideal. Com este fim ultimo da existencia humana está em intima conexão a obra educativa. Errar o alvo é desvirtuar toda a educação. E toda educação será inútil se não conduzir direta ou indiretamente ao ultimo fim, como será prejudicial e condenavel, se afastar ou desviar dele.

O conhecimento deste fim é o que de mais util e necessario a Igreja nos pode oferecer. E ela o diz: — é a salvação da nossa alma. Logo, a verdadeira educação é a que prepara a salvação eterna. Mas só a educação orientada por Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida nos pode assegurar a salvação. Logo, sómente a educação cristã é a verdadeira educação.

Os que accusam este ideal de ser muito remoto e impalpavel, e querem coisa tangivel e immediata, se esquecem de que nós tocamos a maior de todas as realidades — Deus, a Realidade Necessaria. Os que preferem a felicidade terrena ignoram de certo que a educação cristã é o melhor meio de aperfeiçoamento dos individuos e da sociedade, a maior garantia de paz entre os homens, a que imprime aos espiritos “a mais poderosa e duradoura direção na vida” (*Divini illius*). E, finalmente, não se lembram de que este ideal não é figurativo nem abstrato, mas realizado, concretizado em um homem: — O Homem-Deus, Jesus Christo. De modo que o fim proprio, direto, immediato da educação cristã é fazer dos homens imitadores de Jesus Christo. E’ formar o christão perfeito pela semelhança com o seu Divino Mestre. E’ formar a Christo nos homens (cfr. Galatas, IV, 19), formando os homens em Christo. E’ transformar cada homem numa imagem viva do Homem-Deus. (cfr. Rom. VIII, 29).

Formando esse christão perfeito, não esqueceremos coisa alguma do que está no homem, porque “a educação cristã abraça toda a extensão da vida humana, sensível, espiritual, intellectual e moral, individual, domestica e social, não para

diminui-la de qualquer maneira, mas para a elevar, regular e aperfeiçoar segundo os exemplos e doutrinas de Christo”. (*Divini illius*).

Assim é que se conseguirá “o verdadeiro e completo homem de carater” (id.) esta coisa hoje de uma raridade aflitiva, justamente porque afastaram da pedagogia os principios educadores do Catholicismo.

A accusação de que perseguimos uma abstração e fugimos á vida atual para só nos preocuparmos com a eterna, é insensatez de pagãos, e Tertuliano já lhes respondera na concisão penetrante de seu estilo invejavel: “Não somos exilados da vida, diz o grande apogeta. Lembramo-nos da gratidão que devemos a Deus, nosso Senhor e Creador; não repudiamos nenhum fruto de suas obras; apenas nos moderamos para deles não usarmos mal ou desmedidamente. Assim não vivemos neste mundo, sem fóro, sem talhos, sem balnearios, sem negocios, officinas, estabulos, sem os vossos mercados e todos os demais commercios. Comvosco navegamos, e combatemos, e lavramos os campos, e negociamos, e por isto misturamos os trabalhos, e pomos nossas obras á vossa disposição. Não sei como possamos parecer inúteis aos vossos negocios, com os quais e dos quais vivemos”. (Apol. 42).

Pelo contrario, o que se deve afirmar é que esta educação produz os melhores cidadãos, os mais pacíficos, os mais obedientes ás leis, os mais respeitadores da autoridade, os mais concienzosos cumpridores do dever, os mais dedicados patriotas, os mais amantes do proximo, os mais honestos e puros. “Isto se prova por toda a historia do Cristianismo e das suas instituições, a qual se identifica com a historia da verdadeira civilização e do genuino progresso até aos nossos dias”. (*Divini illius*). Isto se prova pela vida dos Santos, que “enobreceram e elevaram a convivencia humana com toda sorte de bens” (ibid.), e que só existem na Igreja, porque só a educação christã é capaz de formá-los.

Não; nós não desprezamos a vida terrena. Apenas não fazemos dela o nosso fim. Não manda a religião que desprezemos o corpo. Antes nos ensina que o devemos manter, desenvolver e respeitar. Apenas, nós sabemos que em nós existe alguma coisa mais de mais alto e de melhor. . . .

E’ que os catholicos temos o sentido da hierarquia. Conhecemos os diferentes valores da natureza humana e sabemos organizá-los para atingir os cimos. Temos um fim ultimo eterno, em cuja consecução está nossa suprema felicidade, em cuja perda, nossa suprema desgraça. Os demais fins da nossa vida, os outros ideais, não se desfazem, por isso; mas

se orientam todos para o ideal eterno e para elle convergem, como as torrentes que descem das montanhas vão desaguar nos rios, e os rios caminham para o mar.

O que se dá é que nós temos excelente filosofia da vida, e somos coerentes em levá-la integralmente para a pratica.

Ser moral, só nos podemos governar por um ideal moral, ao qual submetemos o ideal intelectual e o social. A moral governa a intelligencia e a sociedade, e, por seu turno, submete-se á religião.

Fazemos a cultura fisica; mas achamos a intelligencia melhor do que a força, o "sportman" inferior ao sabio. Fazemos a cultura intelectual; mas achamos o dever maior do que a ciencia: o santo vale mais do que o sabio. E fazemos, enfim, a cultura moral e religiosa — porque no esclarecido cumprimento dos deveres realiza a união com Deus — o empolgante ideal de nossa vida. Entre a força, a ciencia e o dever, entre o atleta, o sabio e o santo, nós temos uma preferencia... Mas não temos duvidas em confessar que achariamos mais perfeito o que reunisse em si a triplíce cultura.

Não é verdade que desprezemos nenhum setor de legitima atividade. A verdade é que fazer dos meios o fim da nossa vida, é parar a meio caminho da jornada que fazemos para a eternidade.

Essa hierarquia de valores a pedagogia catolica sabe conservar nas suas mais variadas applicações. É essencialmente finalista. Não perde de vista o alvo. Vai certa a elle, e tudo o que lhe presta auxilio para atingi-lo com segurança e presteza, ella o aceita e abraça. Isto seja dito, porque muitos, mesmo daqueles que rendem justiça ao ideal educativo catolico, o reputam contudo incompativel com os novos metodos pedagogicos. Enganam-se.

Devemos distinguir bem claramente tres coisas essenciaes á formação de um homem.

o ideal — o fim que se tem em vista;

o objeto — a criança que se educa;

o metodo — o meio para fazer a criança atingir o fim.

É evidente que, como a verdade, é imutavel, e a Igreja possui toda a verdade moral, o ideal educativo do catolicismo não padecerá jamais evolução nem mutação. Mas é tambem evidente que, quanto melhor se puder conhecer a criança, interessar-lhe o espirito, entreter-lhe a curiosidade, dirigir-lhe as atividades, tanto mais facilmente se colimará o fim, si para elle forem as coisas ordenadamente encaminhadas. E si os meios, a que se recorre, são os mais aptos e atraentes, os mais ageis e eficazes, e em nada, nem direta nem indire-

tamente, se opõem ao fim ultimo do educando, tudo manda não que combatamos senão que apoiemos tão excelentes metodos.

Havemos, porém, de contrariá-los e combatê-los tantas vezes quantas, em face das invariáveis doutrinas catolicas, forem reputados contrarios á moral e aos eternos destinos da criança.

Havemos igualmente de mitigar-lhes o uso, ou antes, racionalizá-lo, quando os fautores dos progressos apressados quiserem transformar em finalidade aquilo que, de sua propria natureza, só pode ser um meio.

E não pomos duvida em afirmar que teriamos hoje a melhor de todas as escolas que já houve no mundo si applicassemos ao ideal catolico os modernos conhecimentos da psicologia infantil e os mais aperfeiçoados metodos pedagogicos.

É esta a grande, necessaria e urgente tarefa dos nossos professores catolicos. É esta tambem a vossa tarefa, senhoras normalistas.

E em vossas mãos, eu a deponho, aqui, solenemente, em nome dos direitos de Deus, ameaçados na patria brasileira. Lembrai-vos dos ataques repetidos que vossa fé teve de padecer no curso dos estudos. Vós triumphastes. Fortes nos sentimentos, corajosas nas convicções, intrepidas na crença, aqui estais, aos pés de Deus, Nosso Senhor, cheias de gratidão. Mas, eu vos digo: cheias tambem de gloria. Aos louros do vosso curriculo escolar juntaes o invicto pendão da fé que defendestes nos combates e conservastes sem nodoa. A vós, vos creem agora as palavras de S. Paulo: "Bonum certamen certavi, corsum consumavi, fidem servavi". Combati o bom combate, terminei o curso, conservei a fé". E eu não quero deixar de prestar-vos a homenagem a que tendes jus.

Lembraí-vos, porém, de que outros poderão naufragar. Tombarão na luta. Lembrai-vos de que as crianças, os adolescentes e os moços do Brasil inteiro padecem um tremendo e prigoso combate. Educam-nos, quando menos seja, numa ausencia perigosa de Deus.

Senhoras normalistas. Sois catolicas, ides ser professoras: não podeis deixar de ser professoras catolicas. Em nome das nossas tradições de povo crente, para salvação das crianças das escolas, para que se poupem ao Brasil novas e mais largas desgraças, salvai a pedagogia brasileira. Conduzi as crianças para Christo. Ele as espera e quer. E inda hoje as convida com os mesmos acentos de ternura com que chamava as criancinhas louras da Judéa. Deixai-as ir. Levai-as.

Para a salvação vossa, que cumpris o dever. Para salvação delas, que trilharão os caminhos do céu. E Ele, o Mestre, o Educador, o Pedagogo, que, criança, já ensinava a doutores, vos guie os passos e fecunde os esforços para que realizeis com fruto a árdua e sublime missão de educadoras."

A FADA

(Prosa e ilustrações de Aimoré Dutra)

Raulzinho levantava-se muito cedo e, mal engolia uns goles de café ralo com uns pedaços de brôa de fubá ou de mandioca assada, acompanhava a mãe ao serviço.

La porque não tinha com quem ficar. Não ia para trabalhar, porque os trabalhos de sua mãe eram muito pesados e êle ainda não tinha sete anos completos.

Era esperto como um esquilo, palrador como um pagaço, preto como um melro e como um melro alegre e feliz.

A mãe vivia trabalhando ora aqui ora ali, lavando roupas, fazendo farinha e polvilho pelas fazendas. A's vezes, banhada de suor, com as vestes grosseiras em frangalhos, passava semanas no cabo da enxada, entre filas de trabalhadores veteranos, sob o grande sol do verão, capinando roças.

Era uma preta retinta, de meia idade, em cujos grandes olhos raiados de sangue, boiava um quê de mansidão e bondade.

Tinha as mãos grandes, de dedos nodosos, marcados de multiplas cicatrizes e de palmas açafroadas, encardidas, asperas como cardas.

Os pés eram disformes, de pele enrugada, cinzenta e coriácea como a dos crocodilos ou dos paquidermas.

Trajava sempre roupas grosseiras de americano riscado. Na cabeça encarapinhada, como um turbante ou um albornoz de beduíno, um pano enrolado. Mas tudo aquilo ti-



Mamãe, donde vem toda esta agua ?

nha e encanto das coisas ricas porque andava sempre muito limpo e o asseio é a riqueza do pobre.

Raulzinho era o seu encanto.

Recompensava-se, fartamente, das lutas diárias quando, á noite, sob o tecto de sapê do seu casinhoto rustico, acouchegada ao negrinho, via-o dormir sossegado, como a barriguiinha cheia e aquecido pelo contato do seu corpo cansado, mas vigoroso de negra robusta.

Quando a Belarmina (era este o nome da mãe de Raulzinho), ia ao rio lavar roupa, o negrinho exultava. Gostava de correr pela praia, de cabriolar na areia clara e fina, de atirar pequenas pedras achatadas nas aguas cristalinas que se partiam em aljofres irisados.

Chamava a isso "brinquedo de patinho".

A's vezes, interrompia a atenção da pobre preta:

— Mamãe, donde vem toda esta agua ?

E ela, automaticamente, ia respondendo na sua linguagem tósca de negra analfabeta:

— Vem das outra mãe dagua — doutros corgo, doutros ribeirão.

— E as outra mãe dagua — os outro corgo, os outro ribeirão ?

— Vem da chuva.

— E a chuva ?

— Ora, menino... a chuva vem do céu, mandada por Nossinhô.

— E pronde vai isso tudo ?

— Vai pro mar.

— Então o mar é muito grande ! Onde é que êle fica ? Mamãe já viu o mar ?

— Não. Nunca vi o mar. Sua defunta avó, minha mãe, que Deus Nossinhô tenha no céu — e que viu. Viajou em cima dele, no porão de um navio, quando veiu da Angola, uma terra da estranja... uma terra que fica lá no fim do mundo e que Deus Nossinhô fez pros negro.

Certa vez, uma voz desconhecida interrompeu a um desses dialogos:



Uai ! fazê o quê na escola ?

— E esse pequeno é seu?

— E', nhá sim. — respondeu a Belarmina, toda assustada, saindo dagua e aproximando-se de duas moças que ali acabavam de chegar. Eram duas professoras que andavam fazendo matricula.

— Que idade tem êle ?

— Vai fazer sete anos por esses dias.

— Pois tem que ir para a escola, está ouvindo?

— Uai ! fazê o quê na escola ?

— Aprender a ler para ser gente, para ser um bom brasileiro, disse uma das moças.

— Uai ! pois só Basilio da Chacra me diz sempre que preto é para a enxada, pra candiã boi, pra tocá burro... que negro não é gente.

— E' porque êle não conhece a nossa historia — retorquiu a outra professora. Ele nunca viu falar no preto Henrique Dias, nem nos negros Luiz da Gama e José do Patrocínio, o gigante da Abolição.

Esse garotinho tem cara de inteligente. Quem sabe se não está aí outro Patrocínio da Abolição ? Ele tem que estudar para isso.

Tomaram os apontamentos necessarios e partiram.

Belarmina correu a comunicar á vizinhança, numa alegria louca, como se lhe houvesse acontecido a coisa mais estranha e mais feliz deste mundo.

— Oia, o meu molequinho vai prô estudo. As professora hoje viero biscá o nome dele e o meu. Escrevero tudo no papê. Ele vai estudá pra "*Patrocínio da Bilição*". E ria, ria como louca.

Para ela que não sabia o significado de Patrocínio da Abolição, isso era um curso que o seu negrinho ia fazer. E prosseguia, orgulhosa:

— Heide mostrá, agora a só Basilio da Chacra, se negro é ou não gente.

A' noite, quando dormiu, tive um sonho dourado.

Voltava da missa, numa clara manhã de muita alegria. A igreja era a do Rosario — o velho templo que fica-



Toma ! é tudo teu, mamãe.

va na colina, com um cruzeiro ao lado. Igrejinha velha, pobre, tósca mas vívida, cheia de sons de sinos, chilreios de andorinhas, beijos de sol e cantos de fé... templo feito à imagem e à semelhança das almas simples como a da Belarmina.

Belarmina viu-se carregada de anos, envolvida com um chale como as negras velhas da sua aldeia.

Vinha de rezar pelo seu negrinho. De repente, numa curva do caminho, êle surge, formado em "Patrocino da Bu-lição", todo pelintra, chapêu côco, bengala, oculos, terno branco de brim inglês.

E enche-lhe as mãos tremulas de moedas tilitantes — moedas que não acabam mais de jorrar das mãos do filho:

— Toma, é tudo teu, mamãe!

Acabaram-se as nossas misérias...

Eis Raulzinho na escola.

A professora explica a significação da palavra — *fada*:

— Fada, meus meninos, é uma criatura encantada, que nos protege e não nos deixa acontecer nada de mal.

Toma todas as formas: pôde nos aparecer como um passaro, uma flôr, uma princeza, uma velha mendiga, uma negra pobre, remendada e grosseira.

Mas na verdade, em carne e osso, não existe. Só existe nos contos da carochinha.

Qual de vocês conhece uma fada em carne e osso?

Raulzinho ergueu-se da carteira e levantou a mãozinha preta ao ar, nervosa e agitada como a asa de uma passaro perseguido.

— Diga, ordenou a professora, mal sopitando uma risada gostosa.

E Raulzinho, num sorriso que lhe punha á mostra as gengivas desdentadas e vermelhas como talhadas de goiaba, disse, naturalmente, espontaneamente, convictamente: — Mamãe.

(Do "Cadinhos", livro de leituras infantis, a publicar-se brevemente).



E' mamãe!

NOTAS E COMENTARIOS

GANHAR TEMPO

Não é raro ouvir-se dizer que a classe está perdendo tempo, justamente no correr de aulas, em que ela o ganha alegremente, eficientemente. E' que o perder ou o ganhar tempo, na escola, só é compreendido pelos educadores que vêem na criança um ente da melhor espécie, com um punhado de preciosas aptidões a desenvolver. Quem considera no educando o cerebro sómente, e, dentro dessa caixa, uma faculdade isolada, a da memoria, com a qual o aluno possa fazer bonito no dia do exame, exibindo um enorme ról de nomes difíceis, os rios da China, as linhas geometricas, os presidentes da Republica, — não poderá, de todo, avaliar os resultados de uma aula, em que os pequenos escolares, cheios de entusiasmo e de graciosa espontaneidade, fazem interessantes observações, pensam, discutem e chegam a conclusões que os fazem melhores na vida e lhes fazem a vida melhor. Felizmente, poucos são já os que guerrearão a escola educativa e persistem na danosa mania de ganhar o tempo na decoração de pontos e de formu-

las, aniquilando a criança, razão de ser da escola.

Contrastemos.

Em plena aula de aritmetica. A professora, de olhar carregado (de que? — Ela o sabe), e giz na mão, olha soberanamente a classe, a ver si todos, ali, estão quietos e prontos para resistir, submissos, a uma grande massada. Em seguida, lança no quadro, deante do olhar vago dos alunos, uma conta de abstração esfalfante, ou um problema que ela considera de grande importancia na vida adulta, mas que, para a criança, não passa de um instrumento de martirio. A classe resolve a questão, pachorrentamente, displicentemente, com dois reccios estampados no rosto: receia, primeiro, que o problema não tome todo o tempo da aula, e que fique sujeita a nova caceteação; e teme, em segundo lugar, o mau humor da professora. Ao fim da aula, resolvidas duas, tres questões dessas, a docente dá-se por satisfeita e julga ter a classe ganho o tempo. Engano. Poderia, desde logo, citar algumas das aquisições funestas para os alunos: 1.º, desamor à materia em estu-

do, porque é transformada em motivo de verdadeiro enfiado, ao invés de auxiliar a criança, como amiga, a resolver as pequenas questões numericas de sua vida pratica; 2.º, exagero de desenvolvimento de uma capacidade intelectual, com prejuizo para as demais; 3.º, a passividade humilhante que faz crescer no educando o complexo do sentimento de inferioridade; 4.º, revolta contra a autoridade imposta do educador.

Isso é perder tempo. E, assim procedendo, a professora está semeando cardos no caminho da profissão. Virão os alunos insubordinados, espinhos que se eriçam deante do absolutismo da mestra, que em pouco tempo terá os cabelos brancos e um sulco de velhice precoce a enrugalhe a testa, como sinal indelevel das contrariedades sofridas.

• Vejamos, agora, uma aula bem diferente dessoutra.

Em pleno estudo de geografia. A classe está vivamente interessada pelo Estado do Amazonas, com os seguintes pontos dominantes: os rios, as matas e os costumes do povo. Lançou-se este problema: — Porque é que no Amazonas quasi só se encontram povoações ás margens dos rios?

A' primeira vista, muito difficil a resposta a essa pergunta. Entretanto, o problema

não deixa de ser interessante. Os alunos tiveram ampla liberdade de, na biblioteca e no museu, consultar livros e mapas, e, entre si e com a professora, discutir o assunto. Certificaram-se, primeiro, de que as povoações se encontravam, de fato, ás margens dos rios. Falaram em peixes e na pesca, nas matas e nas feras que as infestam. Logo que achavam uma resposta plausivel, dela tomavam nota nos cadernos. Ao fim de uma hora (60 minutos! Imaginem!), voltaram à sala de aulas, e as respostas foram entregues em pedaços de papel.

Transcrevo aqui, "ipsis verbis", as tres respostas dadas por uma das alunas (do 4.º ano das escolas reunidas de Cachoeira):

1.ª — E' porque os rios têm muitos peixes.

2.ª — Por causa da navegação.

3.ª — No Amazonas tem muitas matas e as feras são muito bravas.

Isso é ganhar tempo, porque é ganhar iniciativa, espirito de solidariedade e de co-operação, raciocínio ponderado, acerto de conclusões, entusiasmo para os trabalhos escolares, estímulo para as novas empresas e amor à escola.

Isso é ganhar sessenta minutos de aula.

José Americo da Costa

TRADUÇÕES

A educação das crianças retardadas

por ALICE DESCOEUDRES

(Continuação)

D — EXAME DOS RETARDADOS

Eis as definições, as classificações e os votos concernentes ao futuro. — Como devemos proceder agora, praticamente, para fazer, da maneira mais judiciosa possível, a separação entre as crianças anormais e as que reclamam um ensino especial? A experiência adquirida até aqui mostra que, para chegar a resultados satisfatórios nessa classificação, é mister submeter as crianças a um triplice exame: a) pedagógico; b) psicológico; d) medico.

a) *Exame pedagógico.* O mestre de classe assinala os suspeitos de retardamento: em geral, o fato de permanecer um, dous anos na classe normal elementar, sem dela retirar proveito algum, é considerado como uma prova de retardamento sufficiente para motivar medidas especiais; da mesma forma, o fato de estar de dous anos em retardamento até aos 9 anos, de 3 anos a partir de 9 anos em relação ás crianças da mesma idade. Dizemos: "em geral", porque, enquanto certas escolas estiverem ainda tão longe de ser o que deviam, afirmar que as crianças que não se ordenam, mediante as condições que se lhes impõem são anormais, é arriscar-se a ser muitas vezes injusto para com as crianças mais inteligentes.

Não obstante, as que são designadas pelos mestres como não seguindo facilmente o gráu dos estudos em relação á sua idade, as que assinalam, pela sua inaptidão em fixar a sua atenção, pela sua distração continua, pela sua falta de memoria, pela sua falta de compreensão do calculo, devem ser examinadas com cuidado.

Binet e Simon imaginaram provas de leitura, de calculo e de ortografia, cujos resultados estudaram num grande numero de crianças normais; elas constituem um "bareme de conhecimentos" para cada idade escolar; elles os expõem desenvolvidamente, quer no seu livro — "*Les enfants*

anormaux, quer no *Bulletin de la Société libre pour l'étude psychologique de l'Enfant* (fevereiro de 1911, p. 70 a 80), no artigo que M. Vaney, diretor da escola especial onde experimentava Binet, em Paris, consagrou ao recrutamento e á organização dessas classes. O Instituto Rousseau estabeleceu muitos desses "baremes"; estes foram grupados no livro de Claparède: *Comment diagnostiquer les aptitudes des écoliers* (Paris, Flammarion, 1924).

Quanto ao calculo, vêr para os pequerruchos o cap. VIII do nosso volume acerca do *Desenvolvimento* da criança dos 2 aos 7 anos, e, para os maiores, os tests de aptidão por Ed. Claparède (*Archives de Psychologie*, t. XVII).

Emfim, quanto á ortografia, vêr os inqueritos dos srs. Duvillard e Ehrler (*Educateur*, 16 abril 1921) e R. Dottrens (id., junho 1921).

E' ao diretor da escola, ao inspetor ás vezes, (1) na sua ausencia á reunião dos mestres especiais (em Zurich, por exemplo) que incumbe verificar, por um exame suplementar, as informações pedagogicas fornecidas pelos mestres, e interpretá-las, isto é, vêr si o retardamento não se deve a outras causas de atraso (frequencia escolar irregular, lingua estrangeira, negligencia etc., etc.). No que concerne aos retardados, a verificação será mais facil do que para os instaveis; quanto a estes, poderá sempre apresentar-se o caso de uma criança mais ou menos difficil de carater, mas que se mostrou intratavel porque o mestre não soube avir-se com ela; é mister, pois, o testemunho concorde de dous outros bons mestres para poder considerar o aluno como decididamente incapaz de se adaptar á disciplina da classe ordinaria.

b) *Exame psicologico.* O exame pedagogico tem certo valor quanto ás crianças que hajam frequentado a escola um ou dous anos — si está provado que o ensino aí não é mal ministrado. Mas restam aquelas que, por causas diversas: molestia, vagabundagem, negligencia dos pais, afastamento da escola, mudança de residencia, etc., não frequentaram a escola, e para as quais, por consequente, esse exame pedagogico é sem valor. E' justamente para distinguir essas crianças dos verdadeiros anormais que Binet e Simon imaginaram a sua *escala para a medida da intelligencia*, segundo a opinião de autores americanos, alemães, ingleses, belgas, o meio mais pratico, mais rapido e melhor — máu gráo as suas imperfeições — para se avaliar a intelligencia de uma criança, normal ou anormal. Esse sistema abrange uma serie de perguntas, dirigidas a crianças de todas as idades, de 3 a

15 anos, fazendo apelo às funções intelectuais mais diversas (memória verbal e visual, juízo, raciocínio, espírito de observação, conhecimentos práticos, etc.); a maior parte dessas perguntas são independentes do saber escolar.

É o êxito de um maior ou menor número dessas questões que coloca a criança, quer no nível, quer acima ou abaixo da sua idade — e que permite dizer que um retardado é de 1, 2, 3 anos, um anormal de 3, 4, 6, 8 em atraso com relação às crianças anormais da mesma idade.

Binet e Simon publicaram a sua *Escala métrica para a medida da inteligência*, primeiro no t. XI da *L'Année Psychologique*, depois, eles trabalharam para aperfeiçoá-la e publicaram uma revisão dela no tomo XIV de *L'Année Psychologique*; esta revisão foi dada também no *Bulletin de la Société pour l'étude psychologique de l'Enfant* (abril, 1911).

Desde então, como já dissemos, os tests Binet e Simon foram reeditados.

Desde os primeiros ensaios práticos, a infinita variedade das reações dos diferentes examinados nas diversas provas deu ensejo a verificar-se a multiplicidade dos tipos psicológicos. Depois de os haver praticado muitas centenas de vezes, pode-se ainda, a cada novo exame, constatar, num ou noutro ponto, uma resposta que se não havia obtido precedentemente.

A esse respeito, a prática dos tests Binet e Simon é de grande proveito para o professor quem quer que ele seja, mais particularmente, porém, para o mestre dos anormais.

Os tests revelam ao mestre certas manias da instrução que ele talvez não fivesse notado sem eles; mostram-lhe em que nível se acha a criança, si o atraso psicológico corresponde ou não ao atraso pedagógico, por conseguinte até onde ele pode levar a criança ou si ele deve, pelo contrário, não proceder sinão com prudência; quais são os déficits de memória, de observação, de julgamento, de raciocínio, etc., e, por conseguinte, quais os melhores métodos a serem empregados; si é mistér, em tal ou tal caso dado, fazer apelo à memória visual ou à memória auditiva, ao raciocínio ou à observação, à inteligência sensorial ou às faculdades de abstração.

Sob esse ponto de vista, dever-se-ia concluir que é bom deixar ao mestre o cuidado de examinar os alunos pelos tests Binet-Simon; Binet não pensa assim: ele quer que isso fique a cargo do medico; ele desconfia do pedagogo, mais propenso, por deformação profissional, a ensinar, em tempo e fora de tempo, do que a registrar resultados objetivos. Pa-

rece-me que o professor, o inspetor ou o medico são igualmente capazes desse exame intelectual, sob a condição de que estejam bem ao cabo dos metodos da psicologia ou, melhor ainda, de que sejam dotados do senso psicologico. Que a serie dos tests Binet-Simon não é ainda perfeita, nada ha que extranhar, si se considera a ousadia dessa tentativa. E' só multiplicando as experiencias em numero bastante grande de examinandos, e procurando os meios de evitar os déficits assim revelados, que se chegará a aperfeiçoá-los ainda: Binet já melhorou, em 1911, a primeira serie, apparecida em 1908, igualmente, em relação a cada idade, o numero de perguntas formuladas, e suprimindo muitos tests escolares: cumprirá talvez substituir por outros certos tests que só têm com a intelligencia uma relação longinqua. Na Alemanha, o dr. Bøbertag fez a certos tests criticas de minucia que parecem justificadas; na America, lastima-se (Buenos Aires) que 43 tests, em 54, sejam provas puramente verbais; exigem-se mais atos e menos palavras. Emfim, nós mesmo já verificamos, comparando os resultados de bons e de máus alunos normais, que os tests não diferenciam suficientemente as crianças de 7 a 12 anos.

Apareceu em 1919 uma revisão dos tests de Binet-Simon: L. M. Terman: *The mesurement of Intelligence* (Londres, Harrap), cujos resultados não são ainda controlados nas crianças de lingua francesa, mas que parece estabelecida com muita exatidão.

Não é menos certo, para todos os que, psicologos ou praticos do ensino, os manejarem, que elles constituem um instrumento de trabalho notavel, e unico em seu genero, quer para o conhecimento das crianças, quer para a classificação dos retardados: "Seu uso, dizem Terman e Child, permite ao psicologo conhecer, após um exame de 40 minutos, a intelligencia de uma criança normal da mesma idade, mais exactamente do que o faz um professor muitas vezes depois de um ano de contacto". — "Ousamos predizer, continuam elles, que, daqui a poucos anos, se applicarão os tests a todas as crianças retardadas ou prestes a sê-lo, ou dando indices de fraqueza de espirito". No Estado de Nova Jersey (E. Unidos) um decreto de lei ordena a applicação dos tests a todas as crianças retardadas de 3 anos, pelo menos.

Goddard vai mais longe ainda e pensa que tempo virá em que cada criança será examinada por metodos desse genero: assim se descobrirão as que estão acima ou abaixo da media, e dar-se-á a cada uma delas uma educação apropriada; será o unico meio de chegar á "escola sob medi-

da", para empregar a feliz expressão pela qual o professor Claparède designa o estado de cousas sonhado pelos partidários de uma renovação em pedagogia.

Nossa obra "*Le Développement de l'Enfant de deux à sept ans*" permite uma comparação muito precisa entre retardados e crianças normais novas, sob o ponto de vista da habilidade, observação, julgamento, noção de numero e, sobretudo, sob o ponto de vista da linguagem: uma experiência executada em 10 a 15 minutos permite avaliar aproximativamente a linguagem falada, total, das crianças de 2 a 7 anos de idade intelectual, graças a experiências feitas em centenas de crianças. Miss. M. E. Smith (Univ. Iowa Studies, maio, 1926), obteve nos Estados Unidos resultados que concordam, de maneira surpreendente, com os nossos.

DAQUÍ E DALÍ

Como se ensina a instrução moral e cívica

Pelo professor ADHERBAL MENDONÇA D'ALVARENGA, Inspetor Técnico do Ensino.

Não preciso encarecer a importância desta matéria, uma vez que é pensamento de todo pedagogo que a função da Escola é mais educar que instruir.

Aliás, é opinião de muitos que a Instrução moral e cívica não é, ou não deve ser, uma disciplina destacada na Escola, mas a ser ensinada em todos os momentos, em todas as oportunidades.

Já disse alhures que uma pessoa instruída que não fosse educada bem se poderia comparar a uma alimaria carregada de ouro.

Sediço, pois, é discorrer sobre a utilidade deste ensinamento que visa satisfazer a máxima finalidade da Escola:

formar o caráter,
firmar a conduta.

A moral pode ser definida a ciência dos costumes ou a ciência dos deveres.

Esses se classificam em
sociais,
naturais,
cívicos,
religiosos ou sobrenaturais.

O professor deverá servir-se de todas as oportunidades, criar hipóteses ou situações em que possa experimentar o modo de agir da criança, já lhe cometendo pequenos encargos, já fazendo que tome decisões e resoluções por si, de maneira a revelar sua índole e tendências.

Assim como para se preparar militarmente a mocidade é necessário que se treinem os moços em combates simulados, assim também para educar moralmente as crianças torna-se mister pô-las em situações difíceis, em verdadeiras ou simuladas dificuldades, que bem se podem chamar lutas do espírito para que se adestrem e saibam vencer.

Lembra-me muito um princípio de meus preceptores, que para a prática da virtude o principal é fugir das ocasiões.

Mas, si o educando fugir sempre a todas as ocasiões, como poderá ele exercitar-se na luta, sendo fatalmente vencido no primeiro combate, porquanto sempre evitou o perigo?

Por outras palavras:

Devemos fugir aos máis; mas, si nem ao menos simuladamente tivermos lutado com eles, do primeiro embate, da primeira pugna em que nos apanharem de imprevisto sairemos vencidos.

Esse processo educativo poderemos chamá-lo exclusivo ou negativo. Mas o positivo e racional seria o exercitar, treinar nos combates espirituais.

A moral não se ensina por palavras, tanto quanto por exemplos e atos.

Si nas varias disciplinas do currículo primário é mister que o professor "faça fazer", a fortiori na moral, em que bem se pode aplicar o princípio latino: fabricando fit faber — ou como dizem os franceses: "à force de forger on devient forgeron".

Disse um grande pensador que a maior vitória que o homem poderia conseguir na vida é o domínio de si mesmo, vencendo todas as paixões.

Para isto, tanto acho indispensavel saber refrear os proprios impetos e contrariar alguns impulsos da natureza.

E' necessario, no campo da moral, um meio termo entre a tão decantada liberdade, que julgo indispensavel, mas em termos, e uma certa repressão, controle necessario aos excessos, desmandos, caprichos ou defeitos morais dos educandos.

Si se deixa a criança em plena liberdade, ao léo da natureza, como náu que vai vogando atôa, ela será fatalmente voluntariosa, caprichosa e não saberá obedecer.

E aos partidarios da proseriçáo, dos castigos, que justos, bem dosados e espaçados, julgo de bom resultado, eu obteriam: Mas si os adultos, mesmo os chefes de nação e de Estado são sujeitos ás penas quando violam as leis, porque não acostumar as crianças ao temor de infringi-las?!...

Verdade se diga que educar só por temor não é educar, mas, si a persuasáo, o conselho, o exemplo, e quantos meios suaves a intelligencia pode sugerir, não consigam a correção, não ha outro recurso e só assim, aconselhavel, aparece a ameaça, e talvez a punição, como meio de repressão.

Os violentos e deprimentes acho-os porém, absolutamente condenaveis, mesmo porque não estariam em proporção com o desenvolvimento da consciencia da criança, ainda embrionaria, ainda incapaz de conhecer toda a extensão do mal que pratica.

Si a moral, como já disse, se ensina pela pratica, "fazendo fazer" e pelos exemplos que se dêem aos educandos, acho bom subsidio, não meio, a fixação de alguns principios e leis morais, no 4.º ano, como sejam: os proverbios creados pela sabedoria popular, os contos, fabulas, alegorias, de que se faria interpretação e se tiraria a moral; as historias verdadeiras, principalmente escolhidas na historia patria, mas sempre lembrado o educador de que este subsidio, só por si, sem a pratica, sem o exercicio moral do aluno, de nada vale, talvez até seria contraproducente.

Si é principio já estabelecido que não se consegue destruir de todo as más tendencias inatas do individuo, devemos canalizá-las, aproveitá-las para o bem, e fazer o possivel para diminuir-lhes a força. Tendo me referido ao castigo, não posso esquecer o seu contrario — o premio.

Este pode ser material e moral. De qualquer especie, bem dosado, intelligente, justo e oportunamente conferido, desperta entusiasmo e maior boa vontade para o bem. E claro que é excelente incentivo, escarmento para o aperfeiçoamento espirital.

Só aos espiritos demasiadamente vaidosos e futeis poderia prejudicar.

Sempre, porém, o educador ha de ser psicologo, e claro que os processos educacionais hão de ser lançados de acordo com a psicologia de cada discipulo.

Tenho feito observação na vida pratica de que dos dois extremos no modo de educar provêm duas diferentes consequencias.

A educação demais rigorosa, produz temporariamente um ser manso, docil, quasi irreprensivel, mas depois, mais tarde, revoltoso, irregular e ás vezes incorrigivel.

Si consegue por muito tempo a correção de maneiras, terá entretanto a infelicidade de difficilmente vencer na vida e fará fatalmente grande mal a si mesmo.

Ao contrario, a educação laxa, que bem se poderia chamar "falta de educação", si faz o individuo mais desenvolvido, mais capaz de vencer, ele entretanto fará mal aos seus semelhantes, será intratavel e inconveniente e acabará pois tambem por fazer grandes danos á sua propria sorte. Como sempre, fica de pé o principio do "in medio virtus".

Brandura e rigor, carinho e energia, armas que, bem casadas, usadas com intelligencia, produzem o milagre da educação.

SOCIEDADE DOS AMIGOS DAS ARVORES

Primeira conferencia brasileira de protecção á natureza — O interesse do Chefe do Governo Provisorio sobre o assunto.

A Sociedade dos Amigos das Arvores, como já tem sido noticiado, acha-se em trabalhos de organização da Primeira Conferencia Brasileira de Protecção á Natureza, que pretende realizar em março do ano proximo, nesta Capital.

Obtido o devido assentimento do sr. dr. Getulio Vargas, chefe do Governo Provisorio, que determinou á Secretaria da Presidencia providenciasse junto aos Ministerios da Justiça, do Exterior, da Agricultura, da Viação e da Educação, no sentido de prestarem toda a sua colaboração á referida Sociedade, de modo a facilitar a tarefa da propaganda e efetivação do referido certamen, resolveu o sr. dr. Leoncio

Corrêa, presidente dessa agremiação, dirigir-se igualmente a todos os srs. Interventores nos Estados.

O objetivo da Sociedade dos Amigos das Árvores é obter dos governos estaduais a participação na conferência, como também pedir-lhes o seu valioso apoio junto aos prefeitos dos diversos municípios, para a pronta resposta do questionário, que aos mesmos deve ser endereçado, por intermédio daquelas Interventorias.

O questionário será acompanhado de um officio-circular aos prefeitos dos municípios, sobre os importantes objetivos visados pela conferência, o que faz confiada no patriotismo brasileiro, que todos sabemos, nunca falha, quando se trata de questões que interessam ao desenvolvimento e grandeza do país. Esse documento e o questionário já aludido, interessantes sob diversos aspéctos, estão assim redigidos:

A CIRCULAR

"Exmo. Sr. — A Sociedade dos Amigos das Árvores, associação que conta em seu seio ilustres representantes da ciência, das letras e das artes, e cujo objetivo é o de promover o culto e proteção das árvores, bem assim a defesa do nosso patrimônio florestal, devidamente autorizada pelo exmo. sr. dr. Getúlio Vargas, digníssimo chefe do Governo Provisorio, resolveu promover uma Conferência Nacional de Proteção à Natureza, a realizar-se no Rio de Janeiro, em março de 1933.

Com esse proposito, desejando reunir a maior soma possível de indicações praticas, atinentes à defesa e reconstituição de nossa flora, fauna, sítios e monumentos naturais, resolveu apelar para todos quantos se interessam pelo assunto, muito particularmente para os prefeitos e presidentes das camaras municipais, solicitando-lhes subsídios relativos ao que existe em cada município ou localidade brasileira, ou existiu e venha recompor.

Essas informações, além de extremamente necessarias para orientação da conferência, constituirão importante registro de nossas belezas naturais que a Sociedade transformará em precioso guia de turismo, cuja enorme utilidade é desnecessario encarecer, motivo por que, apelando para o zelo e patriotismo de V. Excia., solicita a honra de seu valioso concurso para tão alevantados fins.

Como facilidade de orientação e para metodisar as informações, ocorreu à Sociedade formular o questionário junto, cujas respostas devem ser simples, sem preocupação de divagações ou termos científicos, convindo, ao contrario, serem rigorosamente usados os termos vulgares nas localidades com explicações à parte quando necessarias a um melhor entendimento.

A Sociedade dos Amigos das Árvores confia que o apêlo da presente circular, que dirige a todos os municípios do Brasil, seja atendido, com prazer, por quantos amam e desejam o progresso da nossa Patria, interessando-se pela proteção à nossa natureza, amando-a e compreendendo-a com o mesmo entusiasmo e intelligencia com que Goethe — o grande genio, compreendia e amava a Natureza.

Em nome do sr. presidente, professor Leoncio Corrêa, esta Sociedade antecipadamente apresenta sinceros agradecimentos. — *Durval Ribeiro de Pinho*, secretario ge-

O QUESTIONARIO

Município de

- 1.º — Existem no município, florestas nativas, capoeiras, belos campos naturais, artificiais ou em cultura ?
- 2.º — Os terrenos de lavouras e pastagens resultam da derrubada de matas e florestas ?
- 3.º — As matas existentes estão sendo devastadas com obrigatoriedade do reflorestamento ?
- 4.º — Existem serras e morros pelados pela devastação e em abandono ? Quais as árvores de rápido crescimento que mais se recomendam ao replantio ? Quais as mais frequentes ?
- 5.º — Encontram-se no município árvores notaveis pelo excepcional desenvolvimento, especialmente vetustas e historicas ?
- 6.º — Quais os seus nomes vulgares, seu historico, onde estão situadas ?
- 7.º — Quais as frutas, plantas alimentares e medicinas, nativas ou dignas de menção ?

8.º — A fauna inda é abundante? Ha muita caça? Quais os animais uteis, ou valiosos e raros, merecedores de proteção?

9.º — E' permitida a caça, durante todo ano? Existem leis ou posturas regulamentando-a?

10 — A pesca é rendosa, tem regulamentação?

11 — Ha grotas, cavernas, sumidouros, minas, grandes blocos de pedra?

12 — Existem quédas dagua, cachociras importantes, curiosidades naturais dignas de menção?

13 — Ha boas estradas para automoveis, com locais para repouso, postos de abastecimento e concerto, e de socorros medicos de urgencia? São arborizadas? Com que arvores?

14 — Ha no municipio muitas pessoas que se interessam pela proteção á natureza, pela beleza das arvores e dos animais, pelos problemas do embelezamento local? Póde indicá-las para que entremos em correspondencia com elas?

15 — Quantas escolas de instrução primaria funcionam no municipio?

16 — A instrução é orientada no sentido de ensinar as crianças a protegerem as arvores, não destruirem a fauna, não perseguirem os passaros e as borboletas?

NOTA — O presente questionario poderá ser acrescido de outras valiosas informações, como por exemplo:

- a) — existencia de tribus indigenas, relações com os civilizados, serviços de proteção que recebem;
- b) — condições especiais da vida das localidades;
- c) — industrias sertanejas, aproveitamento de materias primas;
- d) — colheita e exportação de produtos florestais;
- e) — particularidades sobre rios, ilhas, praias, lagóas, montanhas e serras, em geral;
- f) — canções, folk-lore, narrativas e episodios de cunho regional.
- g) — será uma contribuição muito valiosa a remessa de fotografias, documentando accidentes, paisagens, belezas naturais, etc.

— Toda correspondencia deverá ser enviada ao Presidente da Sociedade dos Amigos das Arvores, professor Leoncio Corrêa, rua do Ouvidor, n. 160. — Rio de Janeiro”.

NOSSA EXPERIENCIA

RELATORIOS

Como, através de seus relatorios, falam-nos da vida escolar, os funcionarios do ensino.

Exmo. sr. dr. Inspetor Geral da Instrução.

Em cumprimento á ordem de V. Exc., exarada em o “Minas Gerais” de 16 do mês atrasado, venho apresentar-lhe o relatorio deste grupo escolar, sob a minha direção.

Procuru nêle demonstrar o muito que fiz e o pouco que me foi dado conseguir. Nem maiores resultados poderia eu alcançar num lapso de tempo relativamente curto e com o grave prejuizo de interrupção de aulas por dois meses.

São, porém, os meus esforços, solidos meios para uma melhoria completa deste educandario no proximo ano letivo e nos subseqüentes, si Deus mo permitir. Os resultados ora obtidos muito me animam no prosseguimento sempre cheio de animo e entusiasmo, e me fazem antever claramente o que afirmo. A' leitura deste relatorio poderá V. Exc. constatar a veracidade de minhas asserções.

REUNIÕES DE JANEIRO — VARIOS ASSUNTOS VENTILADOS

Questionario das professoras

Entrando em exercicio do cargo de diretor deste grupo escolar

a 2 de janeiro do corrente ano, para o qual fui removido, de igual, do grupo escolar de Cristina, foi o meu primeiro ato, na reunião daquêle dia, apresentar ás professoras um questionario necessario para me assenhorear da orientação pedagogica das mesmas, e tornar-me, *ipso-facto*, conhecedor do elemento com que teria de dispôr de futuro. Foi o seguinte:

— “Podeis citar os nomes das obras pedagogicas constantes desta bibliotéca? Conheceis ainda outras? Emiti a vossa opinião sobre algumas delas. — Adotastes sempre o caderno de preparo de lições? Achais vantagens nos mesmos? Quais? Como tendes procedido para manter conveniente disciplina na vossa classe? Quais os processos que tendes adotado no ensino de ditado, aritmetica, de historias, de leitura, de geografia? — Como procedeis para eficiente observação por parte dos vossos alunos? — Tendes alguma orientação relativa a tests? — Fizestes excursão em o ano transato? Quantas? Onde? Tendes obedecido ao horario? Estais de acôrdo com o mesmo? — Como achais devam ser colocados os alunos em classe: em obediencia ao tamanho? ao me-

recimento, sendo à frente os mais dedicados, relegando-se para o fundo da sala os que o são menos? — Como preferis a entrada dos alunos em classe: em forma ou à vontade? Como vides procedendo no presente caso?"

As respostas foram de molde a satisfazer os meus objetivos.

Nas reuniões subsequentes e diárias do mesmo mês de janeiro, foram feitos estudos necessários para execução dos trabalhos atinentes ao plano seguinte:

a) Organização de uma ficha de cada aluno, contendo: 1.º, o nome, idade, filiação, profissão dos pais, procedimento e pormenorizadas referências aos hábitos, atitudes, etc.; 2.º, a sua capacidade auditiva e visual; 3.º, quociente intelectual pela aplicação dos tests de Simon e Dearborn; 4.º, medida da memória; 5.º, sua capacidade de atenção por meio dos jogos de Decroly; 6.º, o grau de aplicação pelo processo preconizado por Binet; 7.º, o grau de adiantamento nas matérias básicas, com aplicação de tests.

b) — Organização de planos para exercícios preliminares, tendentes a educar os sentidos, cultivar as faculdades de observação, dar conhecimentos relativos às cores, hábitos de falar com desembaraço.

Obra consultada para o caso: "Les idées modernes sur les enfants", de Binet; "Pedologia", de Vasconcellos; "Lições de cousas", de Calkins; "Pedagogia científica", de Montessori; "La iniciación a la actividad", etc., de De-

croly e Monchamp; "Escola brasileira", de João Toledo; "O método dos tests", de Bonfim; "Escola experimental", de Maranhão; "Iniciation a la methode des tests", de Sydney e Luola Pressen, e "Le developpement de l'enfant", de Descoedres.

DOS DICENTES

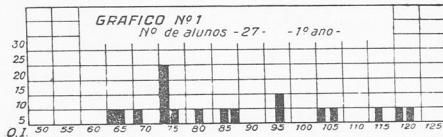
Coligi todos os dados atinentes aos alunos deste grupo. Constattei ser de 222 o numero dos repetentes, assim discriminados: 1.º ano, 87; 2.º ano, 51; 3.º ano, 62; 4.º ano, 22.

Procurei examiná-los individualmente nas matérias básicas, com receio de prováveis falhas nos tests pedagogicos a que os deveria submeter, e como meio de experimentação do valor destes. Os resultados foram assás desanimadores. Eram muitos os alunos analfabetos no 2.º ano e atrazadíssimos os do 3.º e 4.º anos. Tive que fazer voltar para o 2.º ano e 3.º, alunos matriculados no 4.º ano. E os que permaneceram não estavam à altura disso. Tantas e tão graves irregularidades não podiam passar sem um cuidadoso estudo da minha parte, capaz de esclarecer a sua causa, para um combate energico. De acuradas observações desde o início das aulas e até mesmo antes, visitando muitos alunos; de ocorrências varias, dentro deste estabelecimento, cheguei à conclusão de que dois fatores existiam: — a fome e doenças varias. Aliado a isso, a falta de homogeneidade nas classes, etc.

Constatada a existencia desses males, cumpria-me lançar mão de todo o meio possível, capaz de os delbeilar.

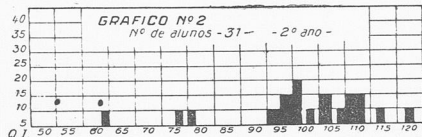
Tests pedagogicos

Entreguei-me, em seguida, á applicação dos tests das matérias básicas.



Tests psicologicos

Apliquei os tests individuais de Simon. Devo esclarecer que a minha posse já estavam as classes organizadas como sóe ser cos-



Gráficos demonstrando a heterogeneidade das classes, antes da applicação dos tests

tume em fim de ano letivo, em grupos onde se não adotam tests. Submetidos estes alunos aos mesmos, verificou-se a natural heterogeneidade nas classes, consoan-

te se constata de gráficos juntos, referentes a duas classes sómente, como exemplo. São os de ns. 1 e 2.

Foi feita a seleção de acórdio com o quociente intelectual verificado, dando em resultado o que demonstram os gráficos sob ns. 3 e 4. (Dois exemplos apenas).

Quanto ás demais classes com-

postas de alunos de idade superior a 11 anos, foi-me impossivel testar por falta de material. Limitei-me á applicação dos tests, escolares, fazendo a seleção de acórdio com o percentil alcançado.

Como foram constituídas as classes

Não tive, Deus louvado, falta de professoras para realização do

meu plano tendente á melhoria do ensino neste grupo e me não faltou o necessario beneplacido da Inspeoria Geral da Instrução. Organizei classes pequenas. Fiz adotar melhores processos. Institui planos de lições, capazes de tornar as aulas mais eficientes. Insisti para que houvesse mais animo, mais vida, mais entusiasmo nas classes. Implantei o regimen da liberdade de expansão, em classe, quer no recreio. Aboli as atitudes forçadas, o constrangimento, a timidez. Procurei, em suma, tornar esta casa

Plantas. Ha ainda os ocasionais. Tivemos los diversos no decorrer do ano.

Em abril — *A Convulsão dos Andes*, Maio, *O Rapto do Menino Charles Lindbergh*, e o *Desastre do Avião Savoia Marchetti*. Mês de junho, o 50.º aniversario da morte de *Garibaldi*. Julho, a fundação do jornalzinho "*Atividade Infantil*". E ultimamente, em setembro, *A Revolução*.

Os planos de lições a que me refiro, que abaixo consigno, são apresentados a todas as classes, e de acôrdo com as mesmas.

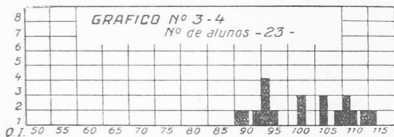


Gráfico demonstrando a homogeneidade das classes, depois da aplicação dos tests

cheia de vida e de alegria. Foram esses os meus primeiros remédios contra os males aqui existentes. Passo a explicar os trabalhos, na ordem em que foram realizados. Segue, portanto, um dos planos de lições por mim elaborados, conforme o método Decroly. Fi-los diversos, de acôrdo com os seguintes centros de interesse: mês de fevereiro, *A Escola*; março e abril, — *Alimentação*; maio e junho, — *O Frio*; julho e agosto, — *Meios de Transporte*; setembro e outubro — As

PLANO DE LIÇÕES PARA OS MESES DE SETEMBRO E OUTUBRO

Centro ocasional — *As Plantas*

Classes do 4.º ano

Observações

O mesmo que para o 3.º ano e mais: como nos auxiliam as plantas no trabalho. Como trabalhamos pelas plantas uteis. (V. Programma, pags. 131 e 132).

Experiencia sobre germinação, com verificação diaria do desen-

volvimento do embrião e desenho, em papel proprio, das observações feitas. (Em algodão humedecido).

Plantar em caixotes, milho e feijão. Que uns germinam á sombra e outros ao sol.

Verificação da coloração das folhas (clorofila e xantofila). Germinadas as plantas de um dos caixotes, inverter para comprovação do geotropismo positivo da raiz e fototropismo positivo da haste.

Colocar o caixote ao pé de uma janela.

Observação da raiz e verificar a existencia da coifa, zona desnudada e pilifera.

Associação

Como no Programma, ás pag. citadas.

DETERMINISMO

Porque uma arvore morre? Porque suas folhas são verdes? Porque as côres vivas das flores? Como se explica o fato de existirem parasitas com folhas verdes? Porque uma arvore, junto a uma casa ou á outra arvore, volta seus galhos para o lado oposto? Porque as flores têm mais perfume á noite? Porque dormem certas plantas? Porque é que condenam devastações de florestas? Qual a relação entre as arvores e a chuva?

EXPRESSÃO ABSTRATA

LEITURA — De trechos alusivos ao centro de interesse em estudo.

DITADO — Idem.

PALESTRA — Relativa ás observações.

VOCABULARIO — Planta, vegetal, flora, herva, arbusto, arvore, etc.

Partes da planta — Raiz, caule, tronco, haste, folhas, flores, galhos, ramos, fronde, frança etc.

QUALIDADES DA PLANTA — Alta baixa, frondosa, frondente, rastejante, trepadeira, herbacea, tenra, debil, delicada, fragil, forte, ereta, altiva, verde, virente, virudente, caduca, persistente, etc.

COMPOSIÇÃO — De trechos alusivos e com o emprego dos vocabulos supra.

RECITATIVO — Vide "A arvore", obra desta bibliotéca.

EXPRESSÃO CONCRETA

DESENHO — Frutos varios, arvores, folhas, flores, etc.

TRABALHOS MANUAIS — Idem.

TRABALHOS EXPONTANEOUS — Coleção de folhas. Jardinagem. Horticultura.

HIGIENE

As plantas de que se extrai o alcool; os perigos deste. O perigo do tabaco. Os dentifricios e o que nêles tem de origem vegetal. Oleo de varias plantas, aproveitado no fabrico do sabão. O uso do sabão; o asseo em geral. As plantas medicinais.

ASSOCIAÇÃO NO ESPAÇO

Asia, Africa e Oceania, e suas principais produções agricolas. A cultura do chá, na China. (V., Programa a pag. 161, o desenvol-

vimento do numero I a IV, do Programa, de acôrdo com centro de interesse em estudo).

ASSOCIAÇÃO NO TEMPO

O Brasil e o surto extraordinário de progresso, da proclamação da Republica a esta parte, graças ao grande desenvolvimentoda da agricultura. Os presidentes da Republica e a patriótica ação de todos em proveito da lavoura. A influencia dos vegetais na difusão dos conhecimentos. Os trabalhos da escrita outróra e hoje (o papiro, o xilografó). Atualmente o papel, ainda de produto vegetal. A imprensa brasileira.

MEDIDA

Frações decimais. Regras de tres. Problemas varios, de acôrdo com o atual centro de interesse, e, como sempre, de situação real. Conhecer a altura de uma arvore.

ESTUDO DA FORMA

Problemas de feição pratica sobre áreas. (Tal estudo deverá ser feito no terreno deste grupo, destinado á construção do jardim). Estudo do quadrilatero, círculo, circunferencia, etc., quando fór da construção dos canteiros.

HINOS

A 'arvore. A' lavoura .

Outra medida urgente

Terminados os trabalhos de organização, com as inovações que se me afiguravam de molde a produzir os necessarios resultados, voltei toda a minha atenção para o estado de saude dos educandos. Já havia verificado quão indispensavel era uma providencia decisiva. Mesmo sem consultar a nossa possibilidade financeira, criei neste grupo a

Assistencia medica

Encontrei na pessoa do dr. Athos Teixeira, uma alma altruista que, mediante pequena importancia mensal, tem comparecido a este estabelecimento diariamente para exame dos alunos pobres. Quais tem sido os resultados, dizem-no claramente algumas das fichas que aqui anexo.

Das instituições

Encontrei aqui fundadas quasi todas as insituições de que trata o nosso regulamento. Reorganizei-as, porém, a todas, e venho animando-as como um dos mais efficientes meios de alcançar alguns dos meus objetivos.

Auditorio

São realizadas infalivelmente sessões semanais. Dividem-se sempre em duas partes: uma didatica e outra litero-musical.

Educação estetica

Semanalmente, ainda, além das sessões de auditorio propriamente

ditas, ha uma hora musical. Consta sempre de numero de canto por professoras e alunos e de numeros de flauta ou violoncelo, com acompanhamento de piano. São musicas sentimentais e simples, muito ao alcance da compreensão infantil.

Ginastica e canto

São duas disciplinas para as quais poucos professores têm voltado a sua atenção, mesmo hodiernamente. E aquêles que o fazem não procuram despertar o interesse por parte dos educandos. Desta fórmula muitos alunos se esquivam á sua pratica e os que se submetem o fazem constrangidos. Sei-o por experiencia propria. Procurei provocar aqui maior entusiasmo. Com a aquisição de um piano, todas as aulas de canto são ao som desse instrumento, auxiliado por flauta ou violoncelo. Enormissimo o interesse. Nunca um só hino satisfiz. O mesmo para ginastica, sempre ao som dos mesmos instrumentos. Institui alteres, bastões, bailados classicos, etc.

Decoração das salas

Cada professora tem a sua mesa bem coberta e sempre com flores. A's paredes vêm-se afixados trabalhos diversos: desenhos, em argila, feitos pelos proprios alunos, de acôrdo com o que preconiza Decroly. Ha ainda varias estampas alusivas ao assunto em estudo; retrato do patrono da sala, etc. Ha ainda um

salão reservado, onde se encontra o museu geral, e que é tambem para o estudo da geografia. Todos os mapas necessarios, de acôrdo com o trimestre, ali estão expostos.

Socialização

A classe que realiza uma sessão de auditorio, organiza uma comissão encarregada de convidar alguns colegas das demais para assisti-la. Aquêles são recebidos á porta pela mesma comissão, que lhes dispensa todas as honras. Ha tambem festas em determinadas classes, em homenagem ou a outra qualquer deste grupo, ou do "Minas-Gerais".

Quando ocorre o aniversario de um aluno, é aproveitada tão bóa oportunidade.

A' hora da merenda é notavel a delicadeza, atenção por parte daquêles a quem cabe o serviço das mesas. Institui, ainda, recepções neste grupo. As principais classes assistem-nas e tomam tambem parte em varios numeros. Convido sempre as melhores declamadoras e os melhores cantores para se fazerem ouvir.

Club de leitura

Dispõe já de uma bóa biblioteca. Faz parte da mesma, o "Tesouro da Juventude", adquirido recentemente, á expensa das professoras do Grupo.

Ha uma sala reservada para as reuniões dos diversos clubes do 1.º a 4.º ano. Adota-se o seguinte criterio:

PRIMEIRO ANO — Reunidos os alunos, a professora conta histórias; exhibe livros com gravuras, bem como revisas variadas.

PARA O 2.º ANO — O mesmo processo a princípio. Em reuniões subsequentes passou a professora a ler contos pequenos e de fácil compreensão, e fazendo ler um dos alunos.

Ha sempre comentarios e criticas.

3.º e 4.º ANOS — Leitura pelos alunos, comentarios, criticas, explicações pelo leitor, de termos varios. (A leitura é sempre previamente preparada). Reprodução de contos lidos. Palestras ainda em torno de determinados assuntos.

Journal do Clube — "Atividade Infantil"

Nome escolhido pelas classes do 4.º ano. Foram eleitos os redatores. Desejaram estes uma sala separada, onde mais livremente pudessem entregar-se aos seus trabalhos. Extraordinario o entusiasmo e compenetração dos redatores, cada um em seu turno, auxiliados por secretarios, em um gabinete proprio, atendendo aos que os procuram, recebendo os trabalhos, criticando-os, devolvendo-os para que sejam melhorados, etc.

Pelotão de saúde

Ha para cada semana um grupo de enfermeiras de plantão. Cumpre-lhes fiscalizar o predio e suas dependencias. Si algum aluno se mostra doente, ou si se ve-

rifica algum incidente, a um sinal convencionado na sineta, acorrem pressurosas, e o que necessita de socorro é tratado com desvelo e carinho. Fazem visitas aos alunos doentes, e levam-lhes donativos varios, bem como medicamentos, quando pobres. Incumbem-se da consulta ao medico, e de levar a receita á farmacia.

Biblioteca dos professores

Encontrei-a, no inicio do atual ano letivo, com algumas obras apenas. Conta presentemente:

Obras pedagogicas 60
Obras didaticas 72
Enciclopedia 2, destacando-se "Enciclopedia e dicionario internacional", com 20 volumes.

Coleções diversas de revistas pedagogicas, sendo completa a da "Revista do Ensino", achando-se encadernados os volumes de 1 a 25. Ha ainda dezenas de volumes sobre poesia, astronomia, litteratura, filosofia, lavoura, industria, etc.

Reunião das professoras

Realizadas com toda a regularidade. São sempre ventiladas questões de interesse pedagogico. Além das atinentes aos planos de lições, processo de ensino, etc., vem-se ultimamente discutindo sobre os importantes problemas da atenção, habito, interesse, imitação, etc. Nessas reuniões tem tomado parte ultimamente a professora do grupo local "Minas-Gerais", d. Aspasia Manso Viei-

ra, formada pelo Escola Normal Modelo. Muito devo ao seu espirito culto e de descortínio. A convite meu deu já aqui diversas aulas modelo. Para isso, cá permaneceu por 15 dias, com permissão da sua diretora.

Excursões

Realizadas diversas, sempre de acôrdo com o centro de interesse em estudo.

Instrução cívica

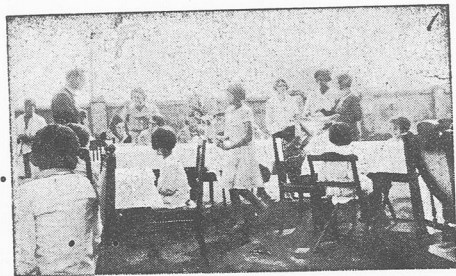
Dequee-me sempre com o maior entusiasmo e interesse a

de hinos á mesma e de saudações. Ha ainda sempre uma preleção por um dos alunos. No termino das aulas é retirada a Bandeira, com a mesma solenidade.

Merenda

Construi no jardim deste estabelecimento, uma pequena casa, que deveria servir de cozinha.

Inaugurei-a festivamente com o proposito de dar a conhecer á sociedade o fim por mim visado e poder, de momento, contar com o seu auxilio. Devido á interrupção das aulas deste grupo, só-



tão importante disciplina. Além de aulas que procuro sejam de verdadeiro resultado, institui o seguinte: todos os sabados, invariavelmente, antes do inicio das aulas reuno os alunos das diversas classes no jardim deste grupo e ali se hastes a Bandeira ao som

mente a 12 do cadente mês pude iniciar a distribuição da merenda. Venho, no caso, obedecendo ao seguinte criterio: para cada semana são organizadas comissões diversas de alunos; uma encarregada dos trabalhos da cozinha; á outra cabe o serviço das

mezinhas; á outra, ainda, a limpeza dos talheres. A refeição é tomada invariavelmente em mesas com cadeiras confortáveis, tendo quatro alunos de ambos os sexos em cada uma. São elas cobertas de toalhas muito limpas, encimadas por jarras com flores. Pratos de louça muito clara e brilhantes talheres. Tudo com mo-

Verificação do rendimento escolar

No início deste semestre submeti novamente a tests escolares, os alunos do 2.º, 3.º e 4.º anos. Fi-lo, portanto, depois das férias de junho, e prossegui sómente no atual mês de setembro, pois que as aulas deste estabelecimento es-



destia, mas muita ordem, asseio e arte. É um adorável momento para esta casa, com o perfeito apoio de um lar.

De ordinario a essa hora uma das professoras se faz ouvir ao piano e tem havido mesmo numeros de canto.

A merenda consta ordinariamente de mingá de fubá, grandemente apreciado por todos. Espero ainda oferecer sopas diversas, cangica e mesmo salada de frutas, cousa mui facil aqui.

liveram suspensas por quasi dois meses, servindo este predio de quartel ás forças em transitio.

Os resultados foram animadores, conforme se constata dos mapas juntos.

Infelizmente faltarem-me os tests de leitura silenciosa.

Resultados gerais

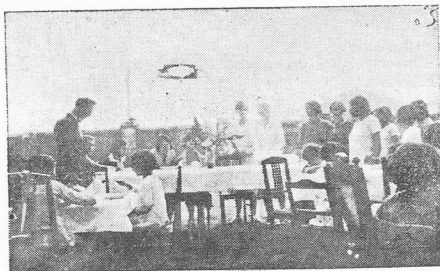
Surpreendentes. Muíto se desenvolveu o espirito de julgamento, principalmente.

Têm-se verificado fatos admiráveis, na classe do 4.º ano mas-

culino, regida pela professora Isabel de Carvalho, classe essa composta, no início do ano, de alunos atrazadissimos. Surgem, ás vezes, ali, discussões admiráveis. Ha poucos dias trataram de um projeto: -- a construção de um jardim. Não só os alunos dessa classe como de 4.º ano feminino, trataram de levantar a planta. Cada um realizou um trabalho, e entre todos foi escolhido um. Discutiram as dimensões e no dia seguinte vieram munidos de pá e

tanto, que alguns alunos que são de segundo turno aqui vieram pela manhã concluir trabalhos iniciados.

Ha pouco um aluno trouxe-me uma bela composição sobre as flores. Achei oportuna a inserção, ali, de uma quadra que ouvi algures, com relação ás mesmas. Furneci-a, porém. Sendo lida em classe como uma novidade, um dos alunos se levanta e afirma não estar certa. Duvidas por parte da professora. Vai êle á bi-



Fotografias 1, 2 e 3. Alguns aspéctos da inauguração da merenda, a 12 de setembro de 1932

enxadas, e iniciaram a obra sem nenhuma intervenção de quem quer que seja. Depois de algumas horas de trabalho, verificaram erros e recomeçaram, eslando presentemente terminados os conteiros e tudo pronto para ser plantado. O interesse tem sido

bliotéca infantil, toma de um livro em que se encontram os textos versos, lê-los. Prova assim a verdade do que afirmou e faz êle mesmo a correção.

Durante a ausencia de alguns dias, da professora do 4.º ano feminino, as alunas respectivas

providenciaram uma festa com o propósito de recebê-la. Achava-me eu, então, dirigindo a classe. Com a maior naturalidade nada me disseram do projeto e nem me pediram auxílio. Buscavam os livros e escolheram poesias. As que se sentiam incapazes de escrever um bom discurso pediam auxílio às colegas. Só me procuraram para auxiliar na parte musical. Assisti aos diversos ensaios, sem necessidade de intervenção alguma; apenas como músico.

Outra revelação

No início do atual ano letivo compareceu aqui em lágrimas uma pequena para ser matriculada. Cheia de timidez, fugia de todos e contrariada, permaneceu. Hoje, nas reuniões do clube da sua classe é a mais desembaraçada.

Outras revelações temo-las tido com as conferências dos alunos. O que deve realizá-la leva para casa as obras necessárias e toma todos os necessários apontamentos. São sempre abordados pontos referentes às várias disciplinas.

Tudo o que me era possível fazer

Realizei, exmo. sr. dr. Inspetor Geral da Instrução, o que aqui expus, única coisa possível à minha capacidade pedagógica. Mas se esta é assás limitada, em compensação ilimitada a minha disposição, ilimitado é o meu entusiasmo pelo ensino. Hoje verifico cheio de prazer, não estar muito afastado do caminho apontado pela Reforma.

E si me fôr dado apoio por parte de V. Excia., tenho certeza e esperança em Deus de que em um futuro mui proximo estará este estabelecimento em bem melhores condições, em franca marcha pelo caminho apontado pelos grandes mestres da atualidade. Attingirei, assim, a meta dos meus ideais de educador.

Alfenas, 20 de outubro de 1932.

— *Romeu Venturelli*, diretor do Grupo Escolar.

NOTA — As observações devem ser feitas de acordo com o que preconizam Mme. Goué e E. Goué, em sua obra "Como fazer observar os nossos alunos", de pags. 161 em diante. (V. obra citada nesta biblioteca).

NOTICIÁRIO

V Conferencia nacional de educação

Como decorreram os trabalhos desse grande certame nacional realizado em Niterói, do 26 de dezembro findo a 2 de janeiro corrente — Assuntos debatidos — A participação de Minas — Bases para o Capítulo da Educação no ante-projeto da Constituição — Um plano nacional de Educação.

Conforme estava anunciado, reuniu-se em Niterói, de 26 de dezembro findo a 2 de janeiro corrente, a V Conferencia Nacional de Educação.

Os trabalhos decorreram grandemente animados, tomando neles parte representantes oficiais de todos os Estados e das varias correntes educacionais do país, bem como elementos preponderantes e especializados nos varios ramos e graus do ensino que constituíam objeto de estudo na Conferencia.

OS TEMAS ESTUDADOS

Foram estudados e debatidos os seguintes temas:

a) Pela comissão especial:

1. Quais as atribuições respectivas dos governos federal, estaduais e municipais, relativamente ao ensino primario, secundario, profissional e normal?"

b) Pela seção de Ensino Primario:

1. O metodo de projetos.
2. Homogenização das classes.
3. Quais os inspetores especializados que a instrução publica estadual deve possuir?

c) Pela Seção de Ensino Secundario:

1. Qual deve ser, no Brasil, a ligação entre o ensino primario e o secundario?
2. Qual o melhor regime para a fiscalização dos estabelecimentos particulares de ensino secundario?
3. Como organizar o ensino secundario sem finalidade preparatoria?

d) Pela Seção de Ensino Profissional:

1. Como organizar a educação profissional para atender, em seus varios graus, ás necessidades do trabalho tecnico no Brasil?
2. Como formar o pessoal docente para os varios graus da educação profissional?
3. Que regalias officiais oferecer para aumentar o exito aos egressos dos cursos profissionais?

e) Pela Seção de Ensino Normal:

1. Diretrizes do preparo dos professores e a organização dos institutos destinados a dar esse preparo nos Estados Unidos, na Alemanha, na Inglaterra, na França, na Argentina e no Uruguai.
2. Quais devem ser os requisitos de admissão ás escolas normais?
3. Como ajustar o ensino das materias no curso normal com a pratica do ensino nas escolas de applicação.

A PARTICIPAÇÃO DE MINAS

O Estado de Minas teve participação eficiente nos trabalhos da V Conferencia Nacional de Educação, tendo merecido destaque as colaborações que os seus representantes ofereceram ao tema geral e aos temas 1 e 2 da Seção do Ensino Primario e ao tema 2 da Seção do Ensino Normal.

O professor Guerino Casasanta, inspetor geral da Instrução pronunciou o discurso de saudação e de agradecimento na sessão de instalação da Conferencia.

Participou ativamente dos trabalhos da Comissão Especial no estudo do tema: "Quais as atribuições respectivas dos governos federal, estaduais e municipais, relativamente ao ensino primario, secundario, profissional e normal?"

Como motivo do estudo das Bases para o Capítulo da Educação no anteprojeto da Constituição, o professor Guerinio Casasanta fez uma declaração de voto pelo ensino religioso, que publicamos a seguir.

ENSINO LEIGO NAS ESCOLAS

A declaração de voto do professor Guerinio Casasanta

O professor Guerinio Casasanta, Inspetor geral da Instrução Pública em Minas, e um dos representantes do nosso Estado junto à V Conferência Nacional de Educação, proferiu, a propósito do ensino leigo nas escolas, a seguinte declaração de voto, que ontem publicamos e hoje reproduzimos por ter saído com algumas incorreções:

"Sr. Presidente.

A inquietante preocupação do mundo gira, neste momento, em torno do problema espiritual; se de um lado, certos povos desejam a "morte" de Deus, outros, por sua vez, buscam informações acerca dos destinos do homem, aproximando-o de Deus. E esta luta não é de hoje, o que foi muito bem sintetizado no conhecido aserto: o homem é um animal religioso.

A escola tem como fim principal fazer a criança viver os problemas do momento, examinando-os e resolvendo-os. Estudá-los, apenas os problemas do passado, ou somente os problemas do futuro, sem nenhuma atenção à atualidade e à vida é, positivamente, desambientar as crianças. E voltar e retroceder.

Se a escola se destina a se transformar em vida, cumpre proporcionar às crianças o exame dos problemas atuais, os problemas do momento, de maneira que a educação não seja, apenas, mera preparação para a vida mas, a própria vida.

Como considerar, apenas, as questões do comércio e da indústria, das vias de comunicação, dos fenômenos sociais ou das aquisições científicas?

Como subtrair a criança ao estudo e à meditação das crenças religiosas, sem risco de tornar a educação deficiente?

A escola quer pôr a criança em atividade, de maneira que se desenvolva suas energias e suas tendências humanas, progredindo estas em direção ao aperfeiçoamento espiritual, modificando e melhorando sua conduta.

A sua posição na escola não é de mero receptáculo: ela participa de sua educação, iniciando imediatamente o trabalho de adaptação que a antiga escola situava no futuro.

Sua liberdade, no conceito da Pedagogia moderna, deve ser regulada pela socialização e pela vida em comum, mas não restringida e limitada: e abolir o problema religioso da escola é infringir um dos característicos principais das novas correntes educacionais que tanto confiam na iniciativa infantil.

A escola cristã, ao contrário do que por aí se afirma, não se opõe à escola moderna. Em Minas-Gerais os estabelecimentos de ensino dirigidos por religiosos aplicam os meios mais modernos, sem prejuízo dos fins que se propõem alcançar.

Dispensamo-nos de citar outros argumentos em favor do ensino religioso nas escolas, como base e alicerce da elevação moral.

Em obediência, pois, às irresistíveis tendências da povo mineiro, e em nome de minhas próprias convicções, notaria, com estes fundamentos, pela emenda de meu Ilustre colega dr. Teixeira de Freitas, se estivesse eu presente à sessão de anteontem."

A professora Amelia de Castro Monteiro, diretora da Escola de Aperfeiçoamento fez interessantes comentários acerca de realizações sobre o "Método de Projetos", cuja aplicação a Escola de Aperfeiçoamento vem ensaiando com magníficos resultados, comprovados com preciosa documentação.

O professor Firmino Costa, diretor da Escola Normal Oficial da Capital enviou um trabalho sobre o tema "Quais devem ser os requisitos de admissão às escolas normais?"

Estudando o assunto do ponto de vista técnico administrativo expõe o professor Firmino Costa nesse trabalho idéas originais no tocante à admissão

de alunos e ao provimento dos cargos de professor.

O professor Oscar Arthur Guimarães, membro do Corpo Técnico da Secretaria da Educação, colaborou no estudo do tema "Homogeneização das classes". Informou, baseado em preciosa e vultosa documentação que exhibia, como no Estado de Minas se vai fazendo a aplicação dos "tests" como meio de homogeneização das classes, como meio de controle do trabalho e como meio de orientar o critério das promoções dos alunos. Per ainda considerações acerca de observações interessantes que suscitaram o uso dos "tests", terminando por apresentar, em conclusões finais, varias sugestões que essas mesmas observações autorizavam.

Participou ainda o professor Oscar Arthur Guimarães dos debates em torno dos demais temas referentes ao ensino primário e normal.

O dr. José Alvares da Silva Campos, inspetor de higiene dentária, pronunciou uma substanciosa conferência sobre Higiene dentária nas escolas, ilustrando os principais assuntos abordados, com projeções luminosas.

O professor Hely Nogueira, da Escola Normal de Itana, pronunciou uma conferência sobre importante capítulo do "Ensino das Ciências".

BASES PARA O CAPITULO DA EDUCACAO NO ANTE-PROJETO DA CONSTITUICAO

A educação nacional

Damos a seguir o esboço do capítulo "Da educação nacional", elaborado e aprovado pela Comissão especial dos 32 (10 representantes da Associação Brasileira de Educação e 22 delegados dos Estados, do Distrito Federal e do Território do Acre), de V Conferência Nacional de Educação, para ser sugerido a assembléa constituinte:

Artigo 1.º Aos Estados e ao Distrito Federal compete organizar, administrar e custear os seus sistemas educacionais,

dentro dos princípios adotados pela União.

Parágrafo unico. Aos municípios que dispuserem de rendas suficientes, poderão os Estados delegar, por lei ordinária, a função de administrar os respectivos aparelhos educacionais.

Artigo 2.º Compete à União:

- a) fixar um plano nacional de educação que tenha por objetivo oferecer a quantos habitem o território brasileiro, oportunidades iguais, segundo as suas capacidades;
- b) estimular e coordenar a obra educacional em todo o país;
- c) exercer, onde quer que se faça preciso, por deficiência de meios ou de iniciativas, uma ação supletiva;

d) instituir e manter nas circunstâncias territoriais não autônomas sistemas educacionais análogos aos dos Estados.

Artigo 3.º O plano educacional de Educação será executado por meio de sistemas gerais, leigos e gratuitos, que compreendam escolas de todos os graus, comuns especiais, e quaisquer outras instituições de propósitos educativos que venham a ser criadas.

Parágrafo 1.º A educação nos estabelecimentos públicos e privados visará a formação integral do homem e do cidadão, desenvolvendo, num espírito brasileiro, a consciência da solidariedade entre os povos.

Parágrafo 2.º A educação primária será obrigatória, estendendo-se a obrigatoriedade progressivamente até os 15 anos, no processo educativo ulterior.

Parágrafo 3.º O ensino particular deve submeter-se, na sua organização e no seu funcionamento, às normas fixadas nas leis ordinárias da União e dos Estados.

Art. 4.º O plano nacional de Educação a que se refere o art. 2.º, uma vez promulgado não poderá sofrer qualquer alteração seno após seis anos completos de execução.

Parágrafo unico. Modificado, no todo ou em parte, nos termos deste artigo, só após identico prazo de seis anos poderá sofrer nova alteração.

Art. 5.º Para manutenção e desenvolvimento dos sistemas educacionais, a União, os Estados e o Distrito Federal

constituirão os respectivos fundos de educação.

Parágrafo 1.º O fundo de educação nacional será constituído de uma percentagem não inferior a 10% da renda dos impostos da União, de impostos e taxas especiais e outros recursos financeiros eventuais.

Parágrafo 2.º O fundo de educação dos Estados e do Distrito Federal será constituído de percentagens das rendas de impostos estaduais e municipais não inferiores a 20% do total das respectivas receitas e de impostos e taxas especiais que lhe forem destinados de outros recursos financeiros eventuais.

Parágrafo 3.º Dos fundos de educação uma percentagem fixada em lei ordinária será destinada ao custeio de bolsas de estudos municipais, estaduais e nacionais para prover à educação, em todos os graus e especialidades, dos alunos de excepcional capacidade.

Art. 6.º A União estabelecerá no Ministério apropriado um Conselho Nacional de Educação com respectivo órgão executivo e técnico.

Parágrafo 1.º Ao Conselho Nacional de Educação compete exercer a função, que cabe à União, de estimular e coordenar a obra educacional em todo o país, administrar o fundo de Educação e superintender as demais atividades educativas federais.

Parágrafo 2.º Fica ressalvada a autonomia da administração militar, no que disser respeito às suas instituições de ensino de caráter especializado.

Art. 7.º Os Estados e o Distrito Federal manterão Conselhos e Departamentos de Educação, com autonomia técnica, administrativa e financeira.

Parágrafo 1.º Aos Conselhos de Educação dos Estados e do Distrito Federal compete administrar e superintender os respectivos sistemas educacionais, por intermédio de Departamentos de Educação, seus órgãos executivos.

Parágrafo 2.º Compete privativamente aos Conselhos de Educação aprovar os regulamentos e planos apresentados pelos Departamentos e fazer a necessária distribuição de despesas.

Art. 8.º Em leis ordinárias da União, dos Estados e do Distrito Federal, propostos pelos Conselhos de Educação, se-

rão fixadas normas específicas para a organização dos corpos técnicos docentes e administrativos do aparelho educacional, com o fim de libertá-lo de quaisquer influências perturbadoras, e assegurar ao seu pessoal, em regime próprio, as melhores condições de recrutamento e o máximo de estímulos permanentes à sua especialização e eficiência.

PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

É o seguinte o esboço do plano nacional de educação aprovado pela Comissão especial dos 32 (10 representantes da Associação Brasileira de Educação e 22 delegados dos Estados, do Distrito Federal e do Território do Acre) da V Conferência Nacional de Educação.

Art. 1.º A educação nacional visará cooperar para uma distribuição racional dos indivíduos pelas ocupações regulares da vida, contribuindo, assim, para a interpenetração das classes sociais, sua equivalência progressiva, no sentido social e econômico, e a formação de uma sociedade democrática, com base no trabalho organizado, na justiça e na liberdade.

Art. 2.º A educação nacional se exercerá dentro dos princípios e normas que a Constituição adotar, pelo conjunto de sistemas, articulados entre si, na base do presente plano geral, e condicionado às necessidades brasileiras e às tendências econômicas e sociais da civilização.

Art. 3.º Cada um dos sistemas estaduais abrangerá a educação, comum e especial, em todos os graus, de modo a prover à educação infantil e primária, secundária e universitária; à preparação profissional, em todos os graus; à preparação para o exercício de funções públicas de caráter técnico, e à educação dos debéis, defetuosos, abandonados e delinquentes.

§ 1.º Para a realização desses fins, os sistemas educacionais compõem-se de escolas comuns e institutos especializados, mantendo igualmente bibliotecas, filмотecas, discotecas, museus e radiotelevisões; galerias de arte e exposições (temporárias ou permanentes) serviços

editoriais para divulgação educacional, científicas, literária e artística; e instituições peri e post-escolares, colonias de férias e parques de jogos.

§ 2.º Os sistemas educacionais compreenderão ainda um serviço de cinema, fonografia, rádio-difusão, museus, bibliotecas, concertos vocais e instrumentais, piscinas e praças de esportes para as escolas e para a educação de adultos.

§ 3.º Os sistemas educacionais se completarão com os serviços paralelos de educação e assistência higiénica para a defesa, conservação e melhoramento da saúde.

Art. 4.º A educação comum de grau primário, secundário e universitário deve obedecer aos princípios gerais da coeducação dos sexos, gratuidade e laicidade.

Parágrafo unico. A educação primária será obrigatória, estendendo-se progressivamente, essa obrigatoriedade, pelos demais graus até 18 anos.

Art. 5.º A escola primária de cinco anos de curso terá unidade de fins sociais e econômicos em todo o país, adaptando-se, entretanto, aos recursos materiais e humanos de cada centro ou região.

§ 1.º O curso da escola primária poderá ser de três anos, havendo sempre, ao sistema, escolas que completem o curso de cinco anos.

§ 2.º Todo o curso obedecerá à finalidade educativa de realizar a adaptação progressiva do aluno à vida social, num regime natural de reconstrução da experiência, e do trabalho em cooperação.

Art. 6.º A educação secundária que se articulará à primária pela continuidade dos seus fins e processos, compreenderá cursos de três a seis anos, gerais ou profissionais, com a necessária variedade, de acordo com as aptidões dos alunos, e organizados de modo que lhes permita o prosseguimento dos estudos, bem como a transferência de um para outro.

§ 1.º Enquanto os cursos secundários não forem suficientes para todos os indivíduos de 11 a 18 anos, a seleção de matrícula será regulada por meio de

provas de inteligência e aproveitamento ou por processos objetivos de seleção, apropriados à finalidade social desses cursos.

§ 2.º Qualquer curso secundário de preponderância de cultura geral ou profissional deverá permitir a continuação dos estudos até à Universidade.

Art. 7.º A formação do magisterio deverá fazer-se em nível universitário, sendo permitida a expedição de certificados para o exercício do magisterio primário, mediante preparo de grau secundário, enquanto não se desenvolverem os recursos econômicos e sociais da região.

§ 1.º Essa formação deverá processar-se de modo que permita sempre ao professor continuar a sua preparação até atingir os níveis mais elevados de cultura.

§ 2.º Para esse fim, haverá graus sucessivos, sendo de quatro anos de estudo depois do curso primário de grau inicial, em que se fará, no último ano, a especialização profissional, assegurando-se ao professor a cultura básica necessária para a sua futura continuação, quando possível e desejada.

§ 3.º Atendidos os requisitos de ensino de cada grau e equivalência de curso, a critério do Conselho Nacional de Educação, os diplomas de professores terão validade em todo o território nacional.

Art. 8.º A formação do magisterio para as escolas secundárias compreenderá cursos especializados e prática do ensino ou de trabalho, com o mínimo de dois anos de estudos e prática.

Art. 9.º Os sistemas deverão manter entre os seus serviços técnicos, para o estudo prático do problema de orientação e seleção profissional e adaptação científica do trabalho às aptidões naturais.

Art. 10.º A Universidade será organizada e aparelhada de modo a poder exercer a função tripla de elaborar e criar a ciência, transmiti-la e divulgá-la, devendo atender, na variedade dos seus institutos:

a) à pesquisa científica e à cultura livre e desinteressada;

b) à formação do professorado;
c) à formação de profissionais em todas as atividades de base técnica ou científica;

d) à vulgarização ou popularização científica, literária e artística;

e) ao aperfeiçoamento em todos os graus e modos de cultura geral ou especializada.

Art. 11. A educação por estabelecimentos privados fica sujeita à fiscalização direta ou indireta do Estado, para o fim de integrá-la na finalidade social comum da educação pública e articulá-la ao sistema geral de educação.

Art. 12. Enquanto não existirem na região recursos para o preparo dos quadros técnicos e científicos em todas as suas modalidades e variedades, os governos distribuirão, sistematicamente, bolsas de estudo, para estudantes de capacidade excepcional, afim de mantê-los em universidades ou institutos estrangeiros ou nacionais.

Parágrafo único. A distribuição das bolsas decorrerá da necessidade dos quadros técnicos de que mais careça o Estado e das aptidões individuais reveladas pelos estudantes.

Art. 13. A administração dos sistemas estaduais de educação será exercida pelos Conselhos de Educação, constituídos de 7 membros e servidos de órgãos executivos técnicos com a amplitude necessária de quadros e organização.

Parágrafo único. A organização dos Departamentos, que serão esses órgãos executivos e técnicos, deve obedecer aos preceitos modernos de diferenciação e especialização de funções, de modo que os serviços que lhe estejam afetos possam ser:

a) executados com rapidez e eficiência, tendo em vista o máximo de resultado com o mínimo de despesa;

b) estudados, analisados e medidos cientificamente, e, portanto, rigorosamente controlados nos seus resultados;

c) e constantemente estimulados e revisitos, renovados e aperfeiçoados por um corpo técnico de analistas e investigadores pedagógicos e sociais, por meio de pesquisas, inqueritos, estatísticas e experiências.

Art. 14. A União compete exercer ação estimuladora, coordenadora e su-

pletiva em matéria de educação, em todos os graus.

§ 1.º O departamento anexo ao Conselho Nacional de Educação manterá órgão que seja composto de especialistas, destinado a orientar, coordenar, estimular, superintender ou controlar, com a maior latitude de interferência que permitiram as normas constitucionais e as convenções inter-administrativas, todas as instituições e atividades, públicas ou particulares, relacionadas com a educação nacional.

§ 2.º A ação supletiva, que deve incidir onde quer que haja deficiência de meios e iniciativas, se exercerá desde já pela subvenção aos Estados para manutenção de escolas primárias "de penetração", que visem especialmente a educação higiénica, a iniciação ao trabalho e a formação do cidadão.

§ 3.º Essas escolas, que deverão ser em número de 10.000, se distribuirão pelos Estados e Território do Acre nas zonas rurais, segundo a proporcionalidade da população e extensão territorial.

§ 4.º Para essas escolas serão aproveitados professores de preferência diplomados, que se submeterão à orientação de missões culturais, constituídas de técnicos em higiene e educação sanitária e organização do trabalho rural.

§ 5.º Além dessas escolas a União poderá experimentar, para a educação dos adolescentes, a instalação de fazendas e colônias-escolas, de acordo com as peculiaridades de cada região e em zonas de população rarefeita, e, se conveniente, nas suas próprias fazendas-modelos atuais.

§ 6.º O atual serviço de proteção aos indios, reorganizado como aparelho educativo, passará para o Ministério da Educação com o caráter de órgão técnico e de serviço estritamente público.

Art. 15. A representação do Brasil junto ao Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, da Liga das Nações, reorganizada, para maior eficiência, no seu funcionamento, como serviço técnico, no Ministério da Educação, sem prejuízo de sua dependência do Ministério das Relações Exteriores, no caráter de órgão ligado à ação diplomática do país.

Origem: Doação

Preço: —